

## SOBRE AS UTOPIAS QUEBEQUENSES, DAS LUZES ÀS REVOLUÇÕES CONTINENTAIS

Bernard Andrès

Universidade de Québec em Montréal-ALAQ-IREP<sup>1\*</sup>

O campo semântico da utopia mudou tanto entre o Renascimento e o século XX que pode parecer presunção – ou utopia - querer circunscrever sua evolução em alguns minutos. Devo, entretanto esboçar o quadro teórico no qual me situo para falar de utopia no Canadá, ou seja, entre *Os Diálogos* de La Hontan e o jornal *Le Canadien*. Aqueles datam de 1703, este começa a ser publicado em 1806. Entre esses dois referenciais editoriais, um século se passou. Este século XVIII, dito também das “Luzes”, é justamente aquele no qual a noção de utopia desloca-se de forma significativa<sup>2</sup>. Passamos da construção fantasista do universo sem amanhã a projetos racionais de sociedades que não tardarão a se realizarem. As fantasias tornam-se conseqüentes e a gravidade das mesmas leva às revoluções. Em seguida, no século XIX, a utopia se tornará até sinônimo de sistema. Nas Américas, novas coletividades apropriam-se de algumas dessas utopias e tentam realizá-las. Como é o caso da utopia republicana. Lembrarei, então, brevemente a história desses deslocamentos conceituais, para em seguida abordar a questão do Canadá e de suas relações com as utopias do século. Como e em quais sentidos, da Nova-França ao Quebec, em seguida ao Baixo-Canadá, pôde circular a corrente utópica? Como e em que sentido ela *galvanizou* as pessoas daqui (o jogo de palavras elétrico-semântico explicar-se-á mais adiante)?

Começamos, então, por alguns truísmos. Na origem, o neologismo “Utopia” designava em Thomas More um não-lugar imaginário, uma ilha de nenhum lugar, uma espécie de “no where” onde tudo era possível: “Todo sonhador imagina sua Utopia”. Em 1516, More concebe sua “optimo reipublicae”<sup>3</sup> como um estado ideal corrigindo os desvios da Inglaterra contemporânea. Triunfo da fantasia, mas também de uma lógica humanista a Utopia concilia trabalho obrigatório com as sociedades de lazeres, a propriedade coletiva com a instituição familiar, a religião católica com o epicurismo, o federalismo democrático com a boa vontade do Príncipe. Tudo é possível, mas *albures*. É o primeiro sentido (e a fonte etimológica) da palavra “utopia”.

Feita a abstração das utopias religiosas na Nova-França, é ainda na fantasia e pelo intermédio de um alhures que o século XVII efetuará sua crítica social, de Cyrano de Bergerac (1656)<sup>4</sup> a Fontenelle (1681)<sup>5</sup>, passando por Gabriel de Figny (1676)<sup>6</sup>. *Albures*: nos “*Etats et*

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão desta pesquisa foi apresentado no Fórum do Instituto interuniversitário de pesquisa sobre as populações (IREP), fórum intitulado “A Utopia na história cultural quebequense”, Montréal, Université du Québec à Montréal, 27 mars, 1998.

\* Texto traduzido por Normélia M. Parise, professora da Área de Francês do Departamento de Letras e Artes (DLA) da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG).

<sup>2</sup> Ver Hude Hinrich e Peter Kuon, ed., *De l'utopie à l'uchronie: formes, significations, fonctions* ( atos do colóquio de Erlangen, 16-18 outubro 1986), Tubingen, G. Narr., 1998.

<sup>3</sup> Thomas More (1478-1535), *De optimo reipublicae statu deque nova insula Utopia*, 1516.

<sup>4</sup> Savinien de Cyrano de Bergerac. 1019-1655. *Histoire comique des Etats et Empires de la lune*, 1657, *Etat et Empires du soleil*, 1662.

<sup>5</sup> Bernard Le Bovier Fontenelle, 1657-1757, *Digressions sur les Anciens et les Modernes*, 1687, *L'Histoire des Ajaoiens*, 1682, *Dialogues des morts*, 1683, *Entretiens sur la pluralité des mondes*, 1686.

*Empires de la Lune*”, entre os “*Ajaoiens*” ou nas “*Terres australes*”. Alhures, e, como em Cyrano, de um modo, às vezes cômico (assinalemos nesta verve, no corpus quebequense, “a utopia” audaciosa por Napoléon Aubin em 1839: “*Mon voyage à la lune*”)<sup>7</sup>. É claro, desde o século XVI, estas quimeras propiciam algumas reflexões políticas, até mesmo “tratados” de economia política. Mas estes tratados são, sem jogo de palavras, tratados superficialmente. O sistema imaginado raramente é dado por sério, realizável. Em seu estudo sobre a noção de utopia, Hans-Gunter lembra justamente a forma de Jean Bodin: “República em Idéia sem efeito”.

O que houve no século XVIII? Passemos ao ato. Ou, ao menos, comecemos a conceber que estas “repúblicas em idéia” poderiam muito bem se concretizar. *Em Breve*: o advérbio temporal tem sua importância. É a introdução do Tempo nestas construções do espírito que vai dar um porvir à utopia. Com *O ano 2440* de Louis-Sébastien Mercier, publicado em 1771, “O tempo presente é prenhe do futuro”. Uma progressão diferente da História é possível. Alguns, mais radicais, até dirão: um progresso. Mas não antecipemos: o socialismo utópico é para o século seguinte. Para o momento, no século XVIII, a utopia muda de lugar. Ela se coloca na era do Tempo. Não mais *alhures*, mas “um dia”, um dia mais ou menos próximo. A utopia volta-se em direção de Cronos. E, passamos da Utopia à uchronia (se a palavra data de 1876, a coisa se dá bem antes; ela designa uma utopia situada no futuro ou uma marcha diferente da história).<sup>8</sup>

Ao mesmo tempo em que mostram que a passagem da utopia fantasista à utopia séria se dá desde o fim do século XVII<sup>9</sup>, Hinrich Hudde e Peter Kuon notam bem que “A história do gênero se desdobra no século XVIII em uma corrente de auto-reflexão e de autocrítica permanente (Prévost, Voltaire, Rousseau, Tiphaigne de la Roche, Wieland). Esta corrente alimenta-se da tensão reconhecida como necessária entre as aspirações libertárias do indivíduo “sensível”, ideal antropológico das Luzes e a ordem racional do Estado utópico”<sup>10</sup>. Doravante, as construções do espírito ganham em verossimilhança e em realismo. A descrição é preferida à narração, a observação tem a primazia. É extrapolando a partir de fatos observados que La Hontan “utopisa” e constrói a figura de seu Adario em seus “*Nouveaux voyages [...] dans l’Amérique septentrionale*” (1704)<sup>11</sup>. Lembremos que o verbo “utopisar” é utilizado por Diderot em 1770 e que Hans-Gunter Funke descobriu também as formas flexionadas seguintes: “utopiar”, “se utopiar”, “se utopianizar”. A maioria destes empregos são pejorativos: trata-se de zombar de projetos vistos como irrealizáveis<sup>12</sup>.

## A utopia: do Canadá em direção à França

Passemos, então ao Canadá e ao modo com o qual o século XVIII vai buscar ali um material “utopisante”. Lembremos, primeiramente, que as *Voyages* do barão de La Hontan abundam de informações verídicas sobre a Nova-França. O oficial viveu ali durante uns dez

---

<sup>6</sup> Gabriel de Foigny (1630?-1692), *La Terre australe connue [...] par M. Sadeur*, réédité en 1692: *Les aventures de Jacques Sadeur dans la découverte et le voyage de la terre australe*.

<sup>7</sup> Napoléon Aubin, “*Mon voyage à la lune*”, in *Le Fantasque*, vol I, n. 5, 9 juillet 1839, p. 36-40 et vol II, n.6, 20 juillet 1839, p. 42-45: de juillet à octobre 1839.

<sup>8</sup> “Uchronie”: palavra inventada por Charles Renouvier (1815-1903): *Uchronie*, 1876.

<sup>9</sup> Cf. *L’histoire des Sévarambes* (1677-1679) de Denis Veiras.

<sup>10</sup> Hinrich Hudde et Peter Kuon, op. cit., p. 17.

<sup>11</sup> Louis Armand de Lom d’Arce, baron de La Hontan (1666-1715?), *Suite du voyage de l’Amérique ou Dialogue de Monsieur le baron de Labontan et d’un sauvage dans l’Amérique...*, Amsterdam, Boeteman et Londres, Mortier, 1704.

<sup>12</sup> Hans-Gunter Funke, “L’évolution sémantique de la notion d’utopie en français”, Regensburg, Gunter Narr Verlag Tübingen, 1988, p. 19-37.

anos entre 1682 e 1693. Réal Ouellet mostrou a precisão “matemática” das descrições do barão em matéria de geografia, de cartografia, de botânica, de lingüística e até mesmo, *avant la lettre*, de antropologia. Seu conhecimento das nações iroqueses não precisa mais demonstrar. Mas o que distingue La Hontan dos “*relationnaires*” do século XVII, é seu espírito crítico. Tudo passa por ele: da organização do comércio de peles ao governo do Canadá e aos “grandes abusos a reformar”. Este senso crítico é exercido ainda com mais acuidade nos famosos *Dialogues curieux entre l’Auteur et Un Sauvage De Bon sens qui a voyagé*. Réal Ouellet e sua equipe falam quanto a isso de “uma longa dialética orientada para a religião, as leis, a felicidade, a medicina, o casamento...”<sup>13</sup> Atribuindo ao personagem de Adario o discurso racional que sabemos, o Autor introduz de modo dialógico uma nova visão da Nova-França, mas também da velha Europa. Os vícios que Montaigne já denunciara fundamentando-se nas primeiras narrativas das descobertas, La Hontan os condena com mais vigor forjando seu Adario. É claro que a eloquência ameríndia não é uma invenção do Autor. Já o haviam testemunhado as *Relations* dos jesuítas, bem como as *Lettres* de Marie de l’Incarnation. Por outro lado, o que La Hontan *inventa* (inventar no sentido retórico e narratológico), é a figura discursiva do “Selvagem esclarecido”. Este personagem de combate filosófico é algo mais que o “Bom Selvagem”. O homem viajou. Conheceu os Velhos países: “[...] quanto mais eu reflito sobre a vida dos Europeus, afirma ele, menos eu encontro a felicidade e a sabedoria entre eles”<sup>14</sup>. Adario tem somente o nome indígena, lembra Jean-Marie Goulemot. É o índio dos Filósofos. Poderíamos dizer, sem jogo de palavras, que com Adario a utopia enraíza-se e inscreve-se na história. Ela encontra um lugar de referência: alhures, na Nova-França (Cyrano de Bergerac já fizera aterrizar ali seu personagem em *États et Empires de la Lune*, em 1657). Mas com o Adario de La Hontan, a utopia encontra também um novo lugar de enunciação: o discurso nascente das Luzes (que ela contribui, aliás, a construir). Pois, tomando emprestado de uma realidade do Canada, La Hontan forja uma máquina de guerra europeia da qual as Luzes tirarão, em breve, proveito. Inútil lembrar a difusão desta obra durante toda a primeira metade do século XVIII: reedições, traduções em inglês, italiano, holandês, alemão, espanhol, resenhas, desde 1703, na *Histoire des Ouvrages des Savans*, nas *Nouvelles de la Républiques des Lettres* e no *Journal de Trévoux*, etc. É pelo fato dele ser mas verdadeiro que a natureza, raciocinar e permitir contestar a Europa que o Selvagem do Canada torna-se a figura utópica “mensageira”. Na evolução do conceito evocado acima, ele marca o termo da Segunda fase. Ele autoriza a passagem da utopia fantasista à utopia frondista e militante: aquela dos projetos de sociedade que se realizam, dos “amanhãs que cantam” (como se dirá mais tarde nas “Grandes narrativas” do século XX).

Ter-se-á notado que eu distingo a *narrativa utópica* tradicional da *figura utópica*: enquanto a primeira responde às exigências de um gênero literário codificado (narrativa de viagem imaginária com descrição de um lugar ideal), a figura utópica, quanto a ela, é somente um elemento desta narrativa, um fragmento retomado, reciclado e reativado com fins demonstrativos. Por exemplo, a figura utópica do Bom selvagem, ou do Selvagem esclarecido constrói-se na esteira das narrativas de viagem no Novo Mundo que, de Las Casas a Montaigne, Sagard e La Hontan, modalizaram esta figura.

Não posso estender-me aqui sobre os outros usos do Canada com fins “utopisantes”. Seria preciso falar do modo com o qual ninguém mais que Le Sage finge utilizar o manuscrito de um Canadense para inserir uma utopia na narrativa rocambolesca intitulada *Aventures du*

---

<sup>13</sup> Réal Ouellet, *Dictionnaire des oeuvres littéraires du Québec*, Québec, Presses de l’Université Laval, t. I, p. 535.

<sup>14</sup> Citado segundo Gilles Marcotte, *Anthologie de la littérature québécoise*, Vol. I, Montréal, La Presse, 1978, p. 201.

*Chevalier de Beauchêne: Canadien français élevé chez les Iroquois e qui devint Capitaine des flibustiers*<sup>15</sup>. Basta lembrar de um outro avatar do “Selvagem esclarecido”, aquele, mais tardio, de Voltaire no *Huron ou l’Ingénu* (1767). O Ingénuo, é o duplo europeu do Bom Selvagem que se mostra superior aos franceses. Nascido no Canada de pais metropolitanos, mas orfão criado pelos Huronianos, Hercule de Kerkabon descobre suas origens quando de uma viagem a Bretanha. Sua sinceridade, sua inteligência natural e seu senso de liberdade o aproximam de Adario de La Hontan. A história do Ingénuo se desenrola, aliás, nos anos 1680, na época da estada canadense do famoso barão. Embora visando os desvios da França, *o Ingénuo* não deixa de apresentar referências à história do Canada. E até mesmo a sua historiografia, pois ali se encontra convocada, desde o primeiro capítulo, a gramática Huroniana do Padre Sagard. Nesta obra posterior à perda do Canada (1767), toda a demonstração repousa sobre o topos do Selvagem esclarecido, tal como foi modulado pelas Luzes desde a voga dos *Diálogos* de La Hontan. Prova é que, se Voltaire fazia pouco dos *arpents de neige*, de seu ponto de vista, a França devia cessar de endividar-se com esta colônia, ele mesmo não desdenhava usar e abusar em seus escritos do material histórico-literário que lhe fornecia a Nova-França. Esta reciclagem do “Selvagem esclarecido” me parece ser a última do gênero. Na verdade, como o mostrou recentemente Benoît Melançon<sup>16</sup>, o século XVIII tardio tende a se desviar das Américas para, doravante, voltar-se em direção da Oceania de Bougainville e procurar novas figuras do Bom Selvagem.

### **A utopia da Europa em direção ao continente norte-americano**

Mas, acabemos com este efeito centrífugo da utopia (do Canadá em direção à Europa). Passemos à corrente inversa (da Europa em direção ao continente norte-americano). Examinemos, após 1760, como o que veio a ser o Quebec toma emprestado, então, das utopias dos Velhos países. É, efetivamente, a época na qual se realizam no território norte americano certas utopias das Luzes. Com efeito, nesta nova colônia inglesa que se tornou a “Província do Quebec”, como naquelas do sul, começam então agitar-se as idéias da época. Após o traumatismo das Planícies de Abraão e do regime militar, o Canadense aprende a conviver com o Inglês. Este o dota de uma imprensa e do primeiro jornal. O prospecto da *Gazette de Quebec/Quebec Gazette* evoca a utopia de uma cidade fraternal onde os conquistadores e os conquistados esqueceriam suas velhas diferenças. É para os editores

[...] o Meio mais eficaz para conseguir um pleno Conhecimento da Língua Inglesa e Francesa entre estas duas Nações que, atualmente, juntaram-se felizmente nesta Parte do Mundo, eles se tornarão capazes de conversar juntos, de comunicar seus Sentimentos como Irmãos, e de conduzir seus diferentes Negócios com Facilidade e Satisfação<sup>17</sup>.

Com a imprensa, os Canadenses descobrem também, um novo tipo de monarquia, A monarquia inglesa que já é melhor que a monarquia absoluta do regime francês para os Canadenses. Mas isto não é suficiente para os Americanos que não se acham representados à

---

<sup>15</sup> Le Sage, Alain René (1688-1747), *Aventures du chevalier de Beauchêne: canadien français élevé chez les Iroquois et qui devint capitaine de flibustiers* (1732)

<sup>16</sup> Benoît Melançon, “ Les limites du dialogue: La Hontan, les jésuites, Bopugainville”, in Jean Marie Goulemot *Dialogisme culturel au XVIIIe siècle*, Cahiers d’histoire naturelle, n. 4, 1997, Université de Tours, UFR de Lettres, 1997, -. 29.

<sup>17</sup> Citado por M. Lemire, *La vie littéraire au Québec*, t. 1 (1764-1805). *La voix française des nouveaux sujets britanniques* (1764-1805), Presses de l’Université Laval, 1991, p. 228.

altura das taxas que Londres lhes exige. De modo que os colonos do sul vão levantar-se contra a Inglaterra convidando os Canadenses a fazer o mesmo. Em os *Appels* que eles lhes lançam desde 1774, é a *ucronie* de um Estado republicano que está na ordem do dia. Os “Amigos e Concidadãos” do Quebec são convidados a reunir-se no Congresso americano para fundar um novo concerto de nações: “Nós nos engajamos [...] a vos unir a nós para um pacto social, fundado no princípio liberal de uma liberdade igual [...]”<sup>18</sup>. Esta propaganda difundida até nas províncias é inspirada pelos Filósofos. Beccaria, Locke, Voltaire e o barão d’Holbach<sup>19</sup> são convocados na concepção deste Estado novo que assegurará, dizem eles, a felicidade dos Canadenses. Até mesmo Montesquieu é invocado na *Lettre* do Congresso datada de 26 de outubro de 1774: “fosse ele ainda vivo”, ele aconselharia os Canadenses a se “unirem a uma causa justa”, na “amizade constante dos povos da América setentrional”. É, assim, em nome das utopias sociais imaginadas na Europa há meio século que os Canadenses são interpelados, e isto, bem antes da Revolução francesa. Responderão eles a este chamado? Sabemos que em 1774-1775, sua reação é mitigada: o *Ato de Quebec* (1774) acaba de lhes reconhecer alguns direitos e eles pretendem tirar proveito de uma situação política também favorável. Eles sabem bem que se os Ingleses os adulam, é para repelir a invasão bostonense e se os Americanos os lisonjeiam, é para vencer Londres. Assim, salvo exceção, os Canadenses adotam uma atitude de neutralidade cordial com relação aos bostonenses. Um único regimento de Canadenses é levantado por Moses Hazen que, após ter vencido em Montreal e em Saint-Jean sur le Richelieu, decidiu ajudar os Americanos a realizar sua utopia. Em Trois-Rivières, conta-se um número importante de simpatizantes canadenses. O diretor das Forjas do Saint-Maurice, François Pélissier, fornece aos bostonenses balas de canhão no momento do sítio de Quebec. Ele seguirá os invasores em sua retirada. Seu substituto na direção das Forjas será, ele também suspeito de cumplicidade com os Insurgentes. Se eu me demoro um pouco em seu caso, é que ao contrário de Pélissier, Pierre de Sales Laterrière deixou memórias. É também pelo fato de seus escritos bem mostrarem como um homem do século XVII francês pode estabelecer laços entre as utopias sociais européias e a realidade norte-americana (ela mesmo nutrida desses sistemas)

### O caso de Laterrière

Laterrière chegou em seus vinte anos ao Quebec, em 1766<sup>20</sup>. Após iniciar modestamente nos negócios, ele se torna diretor das Forjas, depois prisioneiro de Estado com outros “intelectuais” suspeitos de apoiar os Americanos. Embora sua prisão seja um caso de complô, Pierre de Sales Laterrière não é insensível ao que está se preparando no sul. É em Boston que ele irá completar, mais tarde, seus estudos em medicina. Em uma carta ao presidente Willard de Cambridge, ele dirá estar orgulhoso de estar entre os “*Harvard boys*”<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> Cf. Bernard Andrès et Pascal Riendeau, *La Conquête des Lettres au Québec* (1764-1815). *Florilège*, Montreal, UQAM. Département des Études littéraires, Cahiers de l’ALAQ, numero 1, março 1993, p. 408.

<sup>19</sup> Cf. Sobre a intertextualidade presente nesta carta, ver Jean-Paul de Lagrave, *Fleury Mesplet (1734-1794) – imprimeur, éditeur, libraire et journaliste*, Montréal, Patenaude éditeur, 1985, p. 26 sq.

<sup>20</sup> Pierre de Sales Laterrière, *Mémoires de Pierre de Sales Laterrière et de ses traverses*, Québec, Imprimerie de l’Événement, 1873 (as referências a essas memórias serão feitas aqui pela menção “M”: seguida da página). Ver também Bernard Andrès, *L’énigme de Sales Laterrière*, romance histórico, Montreal, Québec-Amérique, 2000, coleção “Tous continents”, 872 p.

<sup>21</sup> Pierre de Sales Laterrière, carta à Wilard, 25 agosto 1795, Arquivos da ALAQ, UQAM.

Em suas memórias, ele aparece, ao mesmo tempo, atraído por este “país republicano” e desconfiado quanto ao “fanatismo metodista” (M:158). Declarando sua lealdade a Londres, ele, ao mesmo tempo, lança um olhar crítico sobre o governo do Quebec e, mais tarde, sobre o que ele chama “nosso pequeno reino” (do Baixo-Canadá; M: 260). Esse médico diplomado em Harvard sempre cultivou um espírito frondista que muito deve à filosofia do século. Ao mesmo tempo em que mantém boas relações com alguns padres, ele denuncia os “preconceitos religiosos fanáticos [...] em um povo cristão, bom mas mal instruído” (M: 191). Mais adiante, ele evoca um “clérigo fanático que somente espera sua felicidade da ignorância”(M: 194). Seu próprio exílio no Quebec compreende-se à luz das Luzes, se ousar dizer. Laterrière estudava em Toulouse no momento do Caso Calas (1764). Ele deixa Paris por Londres logo após a execução de Lally-Tollendal (6 de maio de 1766) que Voltaire defenderá mais tarde. A Inglaterra lhe parece um estado ideal onde a prosperidade fundada no trabalho reúne “homens de todas as nações do globo”<sup>22</sup>. É em Londres que ele encontra, pela primeira vez, Canadenses e “Selvagens”. Os relatos que estes últimos lhe fazem do país engajam-no a lá estar. Qual utopia o guia então? A narração que ele faz de sua viagem no Canadá nos esclarece suficientemente bem sobre suas leituras e sobre o modo como elas preconstruíram sua visão do Novo Mundo. Sobre os Micmacs do Bic, encontrados em 1776:

*Eis, diz ele, os seres que são realmente os legítimos habitantes do hemisfério americano e, em toda força do termo, crianças da natureza e verdadeiras crianças deste solo que me parece tão virgem”. Como eles devem ser felizes, não conhecendo, como era preciso, todas as necessidades dos habitantes de Europa, sempre e em todo lugar insaciáveis a tal ponto de terem empreendido de privar de felicidade tão simples esses pobres infelizes indígenas!... (M:48)*

A impressão de ler La Hontan misturado com Rousseau confirma-se algumas páginas mais adiante. Visitando os iroqueses de Lorette, Laterrière nomeia explicitamente La Hontan, mas também o Padre Charlevoix. Desta vez, são os cantos ameríndios que lhe inspiram esta reação:

*Essa repercussão em ecos ultrapassava tudo o que eu já tinha ouvido nas mais belas catedrais da Europa [...] O entusiasmo, o êxtase na qual eu me encontrava fazia-me dizer e pensar para mim mesmo: Por que não nasci um iroqués?”(M:53).*

Claro, o memorialista não pode deixar de observar (como Charlevoix o fizera) os desastres causados pelo álcool. Mas, precisamente, esse flagelo foi introduzido pela cupidiz dos Brancos, enquanto, diz Laterrière, que “estas crianças da natureza” são “naturalmente ingênuas e boas”. Quanto ao modo como elas foram dizimadas, Laterrière comove-se<sup>23</sup>, mas é para melhor encontrar a idéia de uma sociedade ideal, permanente, quase atemporal. A utopia ameríndia aproxima-se então do sonho de uma longínqua Arcádia: “O pequeno número que sobra leva a mesma vida errante que levavam seus ancestrais quando da primeira aparição dos Franceses há 300 anos...” Último elemento de sua visão preconstruída da América: o modo como ele descreve sua paisagem. Quando ele descobre o panorama canadense, ele opõe o que ele vê aqui com a lembrança das terras européias. Essas últimas eram “bem cultivadas”, claro, mas elas lhe “pareciam retalhadas como um boi do qual o açougueiro tirou a pele” (M: 48) Natureza e cultura (se ousar dizer): assim como a cultura erudita, a agricultura desnatura. A essa visão consternada da terra européia opõe-se, em Laterrière, a figura utópica de uma natureza ainda virgem. Vistas do navio que o conduz a Quebec, as margens do Saint-Laurent parecem feitas pelo Ser Supremo, o Relojoeiro ou o Grande Arquiteto dos deístas e maçons do século XVIII. Julguemos por nós:

---

<sup>22</sup> *Mémoires*, p. 41. ( ver a descrição de Londres, p. 41-42).

<sup>23</sup> Ele não fala de Pontiac (1763-1766)

[...] examinadas com a luneta, em toda sua beleza natural, [elas: as terras] deixavam ver que elas saíam das mãos de um sábio, perfeito e divino obreiro; eu nada podia atribuir ao acaso, que trabalha sem ordem nem regularidade (M:48)<sup>24</sup>

É, assim com as lunetas de seu século (trata-se de “*longuevue*”) que Laterrière observa o Canadá.

Outros contemporâneos de Laterrière fazem a mesma leitura. Eles encontram no Quebec um terreno sonhado para realizar utopias européias. O começo da franco-maçonaria na província mereceria, certamente, todo um estudo<sup>25</sup>. Como os Canadenses integraram as primeiras lojas maçônicas inglesas? Alguns foram também iniciados em lojas maçônicas americanas. Sabemos o que deve às Luzes o ideal de fraternidade que marcava essas diversas obediências, mas também o modo como esta utopia foi contrariada pela Invasão, depois pela Revolução americana. Roger le Moine escreveu páginas decisivas sobre esse assunto<sup>26</sup>. Marie-Cécile Révauger o fez também para a maçonaria americana na mesma época<sup>27</sup>. Não podendo estender-me aqui sobre essas questões, prefiro assinalar rapidamente um certo número de outras manifestações do espírito das Luzes na história cultural quebequense da época.

Alguns indivíduos distinguem-se neste sentido. Alguns são de origem francesa. Valentin Jautard e Fleury Mesplet fundam aqui a primeira gazeta literária, no mesmo ano da morte de Voltaire (1778). Eles comentam amplamente a obra do filósofo e até mesmo animam uma “academia” voltariana em Montreal (conhecemos os trabalhos de Jean-Paul de Lagrave e de Jacques G. Ruelland sobre esses publicistas). O juiz e *marchand* Pierre du Calvet exige em 1784 uma constituição para a província. Seu projeto de sociedade, largamente detalhado em *Appel à la justice de l'État*, pode ser considerado como a primeira *ucronia* do corpus quebequense. Ela será parcialmente realizada após sua morte, quando o Quebec obterá sua primeira constituição em 1791.

Outros espíritos fortemente marcados pelas Luzes são Canadenses de nascimento. Charles-François Bailly de Messein engaja-se resolutamente no combate pela educação (então amplamente enfraquecida). Quando se trata de fundar uma universidade, em 1789-1790, este coadjutor não hesita em reivindicar uma instituição não confessional, opondo-se, assim, ao bispo Mgr Hubert. Em uma carta aberta, ele acaba com os “fanáticos, monstros mais temidos que todos aqueles que produzem os desertos da África”<sup>28</sup>. Ele se espanta que “em pleno meio-dia do século XVIII”, a Igreja queira atrasar a emancipação de seus “concidadãos”:

[...] para mim tudo me anima: vejo com prazer que o Católico e o Protestante serão igualmente protegidos sob uma administração sábia e prudente. Haverá nas classes de nossas escolas somente sábios professores, sobre os bancos somente Escolares estudiosos; nas ruas e nas praças públicas somente Cidadãos que se apoiam e se amam uns aos outros segundo o Evangelho. (p.5)

---

<sup>24</sup> Cf Voltaire, poema das Cabalas, 1773: “ O universo me deixa confuso, e não posso imaginar/ Que este relógio existe e não há quem o faça andar” (tradução livre)

<sup>25</sup> Sobre as relações entre a utopia e a franco-maçonaria, ver Bernard Guilleman, “*La franc-maçonnerie comme utopie*”, in Maurice Gandillac et Catherine Piron, *Le discours utopique*, Union générale d'édition, 1978, p. 259-268.

<sup>26</sup> Ver sobretudo a apresentação de Roger le Moine sobre os “franco-mações do regime francês e da “Província do Quebec””, proferida na ALAQ em 8 fevereiro de 1993 e publicada com este título em B. Andrès (ed.): *Principes du littéraire au Québec* (1766-1815), Cahiers de l'ALAQ, n. 2, agosto 1993, p. 17-33.

<sup>27</sup> Marie-Cécile Révauger, *Le fait maçonnique au XVIIIe siècle en Grand-Bretagne et aux États-Unis*, Paris, ÉDIMAF, 1990.

<sup>28</sup> François Bailly de Messein, *Copie de la lettre de l'évêque de Capsa coadjuteur de Québec, &c. au président du Comité sur l'éducation*, Québec, Samuel Neilson, 1790.

Além disso, ele propõe que essa universidade seja financiada com os bens legados para esse fim por um franco-mação notável, Simon Sanginet. Se o projeto não se realiza, ele não deixa de ser menos inspirado pelas idéias avançadas desse clérigo que, é verdade, estudara no Colégio Louis-le-Grand (o mesmo em que Voltaire, outrora, gastara os fundilhos de suas calças).

É um outro Montreales, Hery-Antoine Mézière (1771-1819) que estabelece os laços entre as Luzes e a Revolução. Ele estudou nos Sulpicianos dos quais ele dirá, com toda a ingratidão de sua juventude: “um colégio confiado a ignaros eclesiásticos foi o túmulo de meus jovens anos, ali aprendi algumas palavras latinas e um perfeito desprezo pelos meus professores”. Ele tem vinte anos no momento em que a nova constituição entra em vigor (aquela mesmo que du Calvet desejava)<sup>29</sup>. Quanto a Mézière, ele tem outras ambições sobre o seu país. Quando ele começou a frequentar o círculo de Fleury Mesplet, ele descobriu “Rousseau, Mably, Montesquieu e outros filósofos amigos dos homens e da verdade”. Suas produções, diz ele, “fizeram germinar em mim o ódio do despotismo civil e religioso. Pela primeira vez, a existência me foi aprazível<sup>30</sup>. E neste estilo e com a assinatura de “Mézière, americano” que ele dirige uma *mémoire* (dissertação) ao cidadão Jean d’Albarade, ministro da Marinha francesa. Este documento data do dia “15, Nivôse, ano 2 da República francesa, una e indivisível” (1794) Lemos em uma passagem autobiográfica:

*A Revolução francesa luz nesta época, ela concluiu o que a leitura começara a produzir em mim. Desde esse momento, todos os meus afetos, os meus desejos estão relacionados com a Liberdade, sua idéia ocupa-me noite e dia, minha única lástima era poder somente amá-la.*

Segundo Mézière, a França deve reconquistar o Canadá e ajudá-lo a fazer sua própria revolução. Exilado entre os Americanos, ele assedia Edmond-Charles Genêt, ministro do governo revolucionário junto ao Congresso. Fundando-se nas certezas de Mézière, Genêt acaba por redigir uma *adresse* (carta) intitulada “dos Franceses livres a seus irmãos do Canadá”. Ele encarrega, então, Mézière para difundir-la na província. É toda uma *ucronia* revolucionária que podemos ler neste panfleto distribuído em janeiro de 1794<sup>31</sup> (houve muitos outros do mesmo gênero na época)

1. O Canadá será um estado livre e independente.
2. Ele poderá formar alianças com a França e os Estados Unidos.
9. Os direitos senhoriais serão abolidos [...]
10. Serão também abolidos os títulos hereditários. Não existira mais, nem lordes, nem senhores, nem nobres.
11. Todos os cultos serão livres [...]
12. Serão construídas escolas em paróquias e nas cidades. Haverá impressoras; instituições para as mais altas ciências, a medicina e as matemáticas [...]

Neste último artigo do programa, trata-se dos ameríndios. Podemos, então, medir toda a distância que a Revolução burguesa de 1789 introduziu com relação à utopia do Bom

---

<sup>29</sup> Sobre o clima político característico da época e sobre a recepção, primeiramente favorável da Revolução francesa no Quebec, ver Laurent Mailhot, Laurent Mailhot in S. Simard (dir.), *La Révolution française au Canada français*, Presses de l’Université d’Ottawa, 1991, p. 343-344.

<sup>30</sup> H.-A Mézière, in Bernard Andrès et Pascal Riendeau, *La Conquête des Lettres au Québec (1764-1815): Florilège*, op. cit., p. 170

<sup>31</sup> Ibid., p. 415-416.



Selvagem. Pierre Berthiaume monstrou como a “degradação do Selvagem” efetuar-se no século XVIII e Benoît Melançon a analisou nos escritos de juventude de Bougainville. Em que pé estamos no último decênio do século? O *Appel* de Genêt, em 1794, nos permite termos uma idéia. Doravante, não se trata de mistificar o índio e de respeitar sua integridade cultural. O imperativo é de ordem mercantil. Desta forma, formula-se o seguinte ponto: “serão formados intérpretes que, tendo reconhecido os bons costumes serão encorajados a civilizar as nações selvagens e ampliar, por esse meio, o comércio com elas”. Não seria então, reconhecer, neste fim de século, o que o discurso das Luzes incubava desde o início? Sob a aparência de tolerância e de abertura ao Outro, um modelo único de humanidade foi engendrado. Único e exclusivo, o Homem das Luzes participa de uma cultura superior à qual devem moldar-se os Huronianos, os Persas e outros Chineses da Terra. Jean-Marie Goulemot nos mostrou bem isso desconstruindo “A imagem de em século XVIII anti-escravagista, respeitoso da alteridade cultural, sensível ao primitivismo, etc<sup>32</sup>. A superioridade da cultura européia está implícita nos Filósofos. Os Revolucionários somente explicitaram isso.

Mas voltemos ao nosso jovem Canadense. Mézière aspira somente conhecer a Revolução. Desejando desesperadamente vê-la acontecer no seu país, ele vai à França em novembro de 1793. O “Canto de guerra do exército do Reno” não se chama ainda a *Marseillaise*, mas o hino ressoa em cada esquina. Suprema felicidade para o jovem que já assinara na América: “Mézière, cidadão francês”? Mas não! Catástrofe: Mézière chega em pleno Terror. Marie-Antoinette acaba, por sua vez, de ser guilhotinada e ele mesmo, escapa por pouco da guilhotina. O Canadense conhece então as prisões revolucionárias. Ele que escrevera no Quebec um panfleto intitulado *A Bastilha Setentrional* (1791: denunciando a prisão de Trois-Rivières)<sup>33</sup> ! Que destino, então para este aprendiz de republicano que passou da utopia da Revolução a sua mais sombria distopia. Comparemos sobre isso dois trechos de correspondências. A primeira carta de 1793, precede sua partida para a França. Mézière tem vinte e um anos, ele nada em plena *ucronia*. A terra inteira conhecerá em breve, segundo ele, sua liberação. Toda a retórica e o vocabulário do tempo ali encontram-se, inclusive as teorias na moda sobre a eletricidade (se a palavra “galvanizar” ainda não existe, Galvani acaba de descobrir em 1786 a corrente animal):

*Cedo ou tarde a liberdade reinará no mundo inteiro; em breve este universo servil, movido por este contato elétrico, sairá de seu sono de morte e se acordará república. Então o filho não fugirá mais do pai para subtrair-se à tirania. Será a idade de ouro, o século de Astrée e de Rhée. Que assim seja.*<sup>34</sup>

Vinte três anos mais tarde, em 1816, o quadragenário avançado recua no tempo. Mézière escreve a sua irmã pintando um quadro sombrio do Terror que ele conhecera:

*Eu cheguei em França no fim do desastroso ano de 1793 e eu vi somente cadafalsos dos quais rolavam as cabeças das pessoas de bem. [...] Os Criminosos que tinham em mãos os destinos de uma grande nação, vendo em mim uma espécie de iluminado, acreditaram poder associar-me aos seus furores. [...] Eu bem sabia que era preciso optar entre essas duas alternativas, de ser vítima ou carrasco. [...] Eu não hesitei em preferir o primeiro partido. Fui, então encarcerado como tu souberas na época e eu teria sido decapitado, se o Nero da França (Robespierre) não tivesse, ele mesmo, sido mandado ao cadafalso.*<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> Jean-Marie Goulemot, op.,cit., p. 4.

<sup>33</sup> Refugiado em Bordeaux, ele se deixa cair no esquecimento até seu retorno ao Baixo-Canada em 1816.

<sup>34</sup> Henri-Antoine escreve de Cumberland Head aos seus pais no dia 28 de agosto de 1793.

<sup>35</sup> Henri-Antoine Mézière, “Carta a sua irmã Lisette”, Montreal, Université de Montréal, fonds Baby, U8529, Mézière a sua irmã, de Nova York, primeiro de fevereiro de 1816, p. 2.

Assim, no espaço de vinte anos, o mais exaltado dos revolucionários Canadenses faz a amarga experiência de uma contra-corrente utópica. É verdade que na França mesmo, a história das idéias evoluiu consideravelmente entre a Bastilha e a Restauração. O Baixo-Canadá, no mesmo período, conheceu sua própria evolução, dos primeiros debates parlamentares à fundação do jornal *Le Canadien*.

Em 1806, esse órgão de imprensa é o primeiro a defender os direitos constitucionais dos francófonos. A nova geração<sup>36</sup> que se arrisca não partilha da rejeição do jovem Mézière pelas instituições políticas inglesas. Les Viger, Panet, Bédard e Bouthillier citam com frequência Montesquieu, Voltaire e Diderot. Mas, eles manifestam sobretudo uma confiança no modelo inglês (modelo que admiravam também os Filósofos em questão). A utopia de um sistema parlamentar que faria justiça aos Canadenses guiará por muito tempo ainda suas ações. Mesmo após o fechamento do jornal a prisão dos redatores (Bédard, Blanchet e Taschereau / 1810), quando o *Canadien* reaparecerá<sup>37</sup>, os Patriotas manterão seus laços com Londres. Assim como du Calvet, outrora, eles consideram a metrópole inglesa como a garantia de seus direitos. Yvan Lamonde demonstrou bem com relação a Papineau<sup>38</sup>. Será preciso esperar o impasse dos debates parlamentares sobre a questão dos subsídios e as noventa e duas Resoluções para que a fração mais engajada do Partido patriota abandone a utopia parlamentar inglesa. A revolta que segue seria ela rebelião ou revolução? O debate permanece aberto (e ele conhece logo após uma nova atualidade editorial). Mas é certo que a figura utópica de 1789 ronda, então, o discurso dos Patriotas.

Laurent Mailhot lembrou a importância dos princípios, fórmulas e símbolos da Revolução francesa nas assembléias agitadas de 1837: “projeto de uma Convenção, soberania do povo, “senhor dos reis”, árvores da Liberdade, bonés frígios, bandeira tricolor”<sup>39</sup>. Ele não fala da Marselhesa, mas sabemos que esse hino já circulava há alguns anos no Quebec. Uma versão canadense fora produzida cinco anos antes. Permitam-me concluir sobre esse ponto.

Era na ocasião das eleições parciais de 1832 em Montreal Oeste. Ludger Duvernay e Daniel Tracey foram presos por terem apoiado a Câmara contra o Conselho legislativo. Embora preso, Tracey, que era candidato às eleições, foi assim mesmo eleito. Com Duvernay, ele se tornou um herói popular. Durante uma manifestação de apoio aos dois homens, a tropa dispara sobre a multidão. Três Canadenses são mortos, sem que os oficiais responsáveis sejam condenados, muito antes pelo contrário. No dia vinte e quatro de maio, cinco mil pessoas “línguas e de crenças diferentes” assistem ao funeral de Billet, Languedoc e Chauvin, conta *La Minerve*. Papineau acompanha o cortejo funerário. É nesse clima de excitação que uma melodia circula então “Sobre o triunfo de Tracey e Duvernay”. Com a melodia da Marselhesa oito estrofes detonam (no duplo sentido de explodir e de sair do tom). Indo mais longe que o hino francês (que, aliás, não é mais o hino nacional na França desde o Primeiro Império), a “Marseillaise canadense” debulha pomposas estrofes sobre a anarquia, a democracia, os patriotas, os “punhos vencedores” e ... a bandeira tricolor (este acaba de retomar seu lugar de honra na França, depois de uma eclipse de dezesseis anos: da Restauração – 1814 – às Três Gloriosas – 1830). Seria preciso, certamente, verificar o impacto real dessa canção no Quebec, mais ela é um testemunho, mesmo assim, de um ressurgimento ao menos pontual das utopias republicanas (francesa ou americanas).

Com efeito, vinte e cinco anos antes, uma outra canção política circulara no Baixo-Canadá com a melodia do *Yankee Doodle*. Foi em 1807, no *Le Canadien* do dia vinte e quatro de

<sup>36</sup> Jacques e Denis-Benjamin Viger, Jean-Antoine Panet, Jean-Antoine Bouthillier e Pierre Stanislas Bédard.

<sup>37</sup> *Le Canadien*: 1817s-1820; 1820-25; 1831-...).

<sup>38</sup> Yvan Lamonde, *Nem com eles, nem sem eles. Quebec e Estados Unidos*, Quebec, Nuit Blanche, 1996, 127p.

<sup>39</sup> Laurent Maillhot, op. cit., p. 342.

janeiro. O famoso hino revolucionário da Independência americana inflamava, então uma canção contra o *Mercur*:

*Ôter au sujet conquis la langue maternelle,  
Serait faire à ce pays une injustice cruelle,  
N'en déplaît falala, n'en déplaît falala,  
N'en déplaît falala, n'en déplaît au Mercure.*<sup>40</sup>

Entre o *Yankee Doodle* e a Marselhesa, toda uma utopia societal abriu caminho nas coletividades novas da América. Trabalhos mais avançados sobre essa época- chave ainda podem ser efetuados. O projeto ALAQ dedica-se a isso. Testemunho disso é essa Marselhesa canadense descoberta por Pierre Lespérance e, da qual, eis aqui, para terminar, duas estrofes particularmente que detonam e destoam:

A MARSELHESA CANADENSE  
“Sobre o triunfo de Tracey e de Duvernay” (1832)

*Boletim de Pesquisas históricas, abril 1921, vol. XXVII, n. 4, p. 126*  
*Melodia da Marselhesa*

6

*Enfin le drapeau tricolore  
Vient se déployer a nos yeux!  
Sur ce sol va-t-il encore  
En héros transformer des gueux? (bis)  
N'en doutons point! Qu'on se rallie  
Sur ce drapeau! Ce guet-apens,  
qu'il réunisse - il en est tempo -  
Les vrais enfants de l'anarchie!*

*Campagnards, citadins, etc.*

8

*Promenez de ville en village  
Tracey, Duvernay, Papineau,  
Morin, Lafontaine, Bourdage  
Letourneau, Boissonneau, Mousseau! (bis)  
Que de ces grands noms toute bouche  
Publie en baillant les hauts faits!  
Qu'en leur bonheur tous nos mousquets  
Fassent péter une cartouche!*

*Campagnards, citadins, etc.\**

---

<sup>40</sup> Ibid. p. 120. Arrancar ao sujeito conquistado sua língua materna / Seria impor a esse país uma injustiça cruel / Apesar de falala, apesar de falala / Apesar de falala, apesar do Mercúrio. (tradução livre)

\* *Enfim a bandeira tricolor / Vem desfraldar-se ao nosso olhar / Nesse solo vem, então, mais uma vez / Transformar laráprios em heróis? / Não duvidemos mais! Aliemo-nos / Sob essa bandeira! Essa armadilha / Que ela reúna, já é tempo / Os verdadeiros filhos da anarquia! / Camponeses, citadinos, etc. / Andeis de cidade em vilarejo / Tracey, Duvernay, Papineau, / Morin, Lafontaine, Bourdage, / Letourneau, Boissoneau, Mousseau! / Que toda boca publique com clamor / Os grandes feitos desses grandes nomes! / Que todas as armas em seu honor / Façam detonar um cartucho! / Camponeses, citadinos, etc.*

—